



FUNDAMENTOS PARA UMA NOVA HUMANIDADE

OSHO

O livro das mulheres

Como entrar em contato
com o poder feminino


Best Seller

Tradução
Patrícia Arnaud

1ª edição



Rio de Janeiro | 2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Osho, 1931-1990
O91L O livro das mulheres [recurso eletrônico] / Osho; tradução Patrícia Arnaud. - 1. ed. - Rio de Janeiro: BestSeller, 2014.
recurso digital

Tradução de: The book of women
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7684-874-5 (recurso eletrônico)

1. Vida espiritual. 2. Meditação. 3. Livros eletrônicos. I. Arnaud, Patrícia. II. Título.

14-14161

CDD: 299.93

CDU: 299.9

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO ORIGINAL:

THE BOOK OF WOMEN

Copyright © 1995, 1998 OSHO International Foundation

Copyright da tradução © 2014 by Editora Best Seller Ltda.

Publicado mediante acordo com OSHO International Foundation, Switzerland.
www.osho.com/copyrights

O material contido neste livro foi selecionado a partir de vários discursos de Osho para plateias ao vivo. Todos os discursos de Osho foram publicados na íntegra como livros, e estão também disponíveis como gravações de áudio.

Os arquivos completos de gravações e textos se encontram em www.osho.com

OSHO é uma marca registrada da Osho International Foundation,
www.osho.com/trademarks.

Capa: Gabinete de Artes
Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORA BEST SELLER LTDA.
Rua Argentina, 171, parte, São Cristóvão
Rio de Janeiro, RJ – 20921-380
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7684-874-5

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Todos os capítulos foram obtidos a partir de discursos
espontâneos feitos por Osho.

Sumário

Introdução

FEMININO

A HISTÓRIA DELE

MOVIMENTO FEMINISTA

SEXUALIDADE

O CASAMENTO

AMOR

RELACIONAR-SE

MATERNIDADE

FAMÍLIA E CONTROLE DE NATALIDADE

CRIATIVIDADE

O CORPO

A MENTE

MEDITAÇÃO

Informações adicionais

Introdução

“Como você, sendo homem, pode falar sobre a psique feminina?”

Não estou falando como um homem, assim como não estou falando como uma mulher. Nem tampouco estou falando como uma mente. A mente é utilizada, mas estou falando como consciência, como percepção. E a consciência não é nem ele nem ela, a consciência não é nem homem nem mulher. O corpo tem essa divisão, e a mente, também, porque a mente é a parte interna do corpo e o corpo é a parte externa da mente. O corpo e a mente não são separados; pelo contrário, são uma entidade única. Na verdade, dizer corpo e mente não é correto; o “e” não deve ser usado. O ser humano é corpomente, sem nem mesmo um hífen entre os dois.

É por isso que, com o corpo e com a mente, as palavras “masculino” e “feminino” são relevantes, significativas. Mas há algo além dessas duas palavras, há algo transcendental. E ele é a verdadeira essência, é o seu ser. Esse ser consiste apenas de consciência, testemunho, vigilância. É pura consciência.

Não estou falando aqui como um homem, pois, do contrário, seria impossível falar sobre a mulher. Estou falando como consciência. Vivi no corpo feminino muitas vezes, assim como vivi no corpo masculino outras tantas, e testemunhei tudo. Vi todas as casas, vi todas as peças de roupa. O que lhe digo é a conclusão de muitas, muitas vidas; e não tem nada a ver com esta vida apenas. Esta vida é apenas o ponto culminante de uma longa, longa peregrinação.

Portanto, não tente ouvir o que tenho a dizer como um homem ou uma mulher, caso contrário não estará ouvindo a mim. Ouça-me como consciência.¹

Nota

1 *O Dhammapada*, Volume 8, Capítulo 12.

Feminino

“Parece-me que você é realmente o primeiro homem que este planeta já conheceu que compreende as mulheres e as aceita. Por favor, comente.”

Já disse que uma mulher tem que ser amada, não compreendida. Esta é a primeira compreensão.

A vida é tão misteriosa que as mãos do ser humano não conseguem chegar à sua altura, e os olhos não conseguem investigar o seu mais profundo mistério. Compreender qualquer expressão da existência – seja o homem ou a mulher, sejam árvores, animais ou pássaros – é função da ciência, não de um místico. Não sou um cientista. Para mim, a ciência em si é um mistério, e somente agora os cientistas passaram a reconhecer isso. Eles estão abandonando a velha atitude teimosa e supersticiosa de que um dia vão ter conhecimento de tudo o que é para ser conhecido.

Com Albert Einstein toda a história da ciência tomou um caminho muito diferente, porque, quanto mais ele se aprofundava no cerne da questão, mais confuso ficava. Toda a lógica foi deixada de lado, toda a racionalidade foi deixada de lado. O indivíduo não pode dar ordens à existência, porque ela não segue a sua lógica. A lógica é feita pelo homem. Houve um momento na vida de Albert Einstein, que ele se lembrava, de estar hesitante sobre se devia insistir em ser racional... mas isso seria tolice. Seria humano, mas não inteligente. Mesmo que o indivíduo insista na lógica, na racionalidade, a existência não vai mudar de acordo com sua lógica; sua lógica é que tem que mudar de acordo com a existência. E quanto mais fundo se vai, mais misteriosa se torna a existência.

Chega um momento em que é preciso deixar de lado a lógica e a racionalidade para ouvir apenas a natureza. Chamo a isso de compreensão final, mas não no sentido comum de compreensão. Todo mundo sabe disso, todo mundo sente isso, mas não há nenhuma maneira de como dizer isso.

O homem é um mistério, a mulher é um mistério, tudo o que existe é um mistério, e todos os esforços para se descobrir o mistério vão ser falhos.

Lembro-me de um homem que estava em uma loja de brinquedos comprando um presente de Natal para o filho. Ele era um matemático bem conhecido e, portanto, naturalmente, o gerente da loja apresentou-lhe um quebra-cabeça. O matemático tentou... era um belo quebra-cabeça. Tentou e tentou e tentou e começou a transpirar. A situação estava ficando embaraçosa. Os clientes, os vendedores e o gerente estavam, todos, olhando, e nada de o matemático conseguir finalizar o quebra-cabeça. Por fim, ele desistiu da ideia e gritou para o gerente:

– Sou um matemático, e se não consigo resolver este quebra-cabeça, como você acha que o meu menino poderá fazê-lo?

– Você não compreende. Ele é feito de forma que ninguém consiga resolvê-lo, seja matemático ou não – explicou o gerente.

– Mas por que é feito dessa forma? – perguntou o matemático.

– Simplesmente para que o menino, desde o princípio, comece a aprender que a vida não pode ser resolvida, não pode ser entendida – argumentou o gerente.

O ser humano pode viver o mistério, pode curtir-lo, pode tornar-se uno com o mistério, mas a ideia de compreender como um observador não é possível, de jeito nenhum.

Eu não me compreendo. O maior mistério para mim sou eu mesmo. Apesar disso, posso dar algumas pistas:

Um psiquiatra é um sujeito que faz a você um monte de perguntas caras, as mesmas perguntas que sua esposa lhe faz sem cobrar nada.

A chave para a felicidade: a pessoa pode falar de amor, ternura e paixão, mas o real êxtase é descobrir que não perdeu suas chaves, afinal.

As mulheres começam resistindo aos avanços do homem e terminam bloqueando sua retirada.

Se quiser mudar a mente de uma mulher, concorde com ela.

Se quiser saber o que uma mulher realmente quer dizer, é preciso olhar para ela, não ouvi-la.

A senhora foi até o policial e disse:

– Seu guarda, aquele homem na esquina está me irritando.

– Estive observando o tempo todo – disse o policial –, e aquele homem não estava sequer olhando para a senhora.

– Bem – disse a mulher –, não é irritante?

O jovem romântico virou-se para a bela jovem em sua cama e perguntou:

– Sou o primeiro homem com quem você já fez amor?

Ela pensou por um momento e depois respondeu:

– Pode ser. Tenho uma memória terrível para guardar fisionomias.

Tudo é misterioso: é melhor desfrutar do mistério do que tentar entendê-lo. Em última análise, o homem que continua tentando compreender a vida revela ser um tolo, enquanto o homem que desfruta a vida torna-se sábio e continua aproveitando a vida, porque se torna cada vez mais consciente dos mistérios que rondam todas as pessoas.

A maior compreensão é saber que nada pode ser compreendido, que tudo é misterioso e miraculoso. Para mim, esse é o início da religião na vida do indivíduo.¹

“Poderia, por favor, explicar quais são as reais diferenças entre homens e mulheres?”

A maior parte das diferenças entre homens e mulheres existe devido a milhares de anos de condicionamento. Embora não sejam fundamentais para a natureza, há algumas diferenças que dão ao ser humano uma beleza única: a individualidade. Essas diferenças podem ser apuradas com muita facilidade.

Uma das diferenças é que a mulher é capaz de produzir a vida; o homem, não. Nesse quesito ele é inferior, e essa inferioridade tem desempenhado um grande papel no domínio das mulheres pelos homens. O complexo de

inferioridade funciona da seguinte maneira: ele finge ser superior, de modo a enganar a si mesmo e enganar o mundo inteiro. Assim, o homem ao longo dos séculos vem destruindo a genialidade, o talento e as capacidades da mulher, para que ele possa provar a si mesmo que é superior, para si mesmo e para o mundo.

Em função de a mulher dar à luz, durante nove meses ou mais permanece absolutamente vulnerável e dependente do homem. E os homens exploram isso de uma forma muito feia. Trata-se apenas de uma diferença física. E que não faz diferença alguma.

A psicologia da mulher é corrompida pelo homem, uma vez que ele lhe diz coisas que não são verdadeiras, faz dela escrava para proveito próprio, e a reduz a indivíduo de segunda classe no mundo. E a razão para isso é o fato de ele ser mais poderoso em termos de músculos. Mas o poder dos músculos faz parte da característica animal. Se isso vai decidir a superioridade, então qualquer animal é mais musculoso do que o homem.

Mas as verdadeiras diferenças certamente estão ali, e é necessário que se procure por elas por trás da pilha de diferenças inventadas. Uma diferença que vejo é que a mulher tem maior capacidade de amar do que o homem. O amor de um homem é mais ou menos uma necessidade física, o que não acontece com o amor de uma mulher. É algo maior e mais elevado, é uma experiência espiritual. É por isso que a mulher é monogâmica, e o homem, polígamo.

O homem gostaria de ter todas as mulheres do mundo e, ainda assim, não ficaria satisfeito. Seu descontentamento é infinito.

A mulher pode ficar satisfeita com um único amor, e totalmente realizada, porque, em vez de olhar para o corpo do homem, olha para suas qualidades mais íntimas. Ela não se apaixona por um homem que tem um belo corpo musculoso, apaixona-se, sim, pelo homem que tem carisma – algo indefinível, mas imensamente atraente –, tem um mistério a ser explorado. Ela quer um homem não apenas para ser meramente um homem, mas também para ser uma aventura na descoberta da consciência.

O homem é muito fraco no que diz respeito à sexualidade, tanto que ele pode ter apenas um orgasmo. A mulher é infinitamente superior, tanto que ela pode ter múltiplos orgasmos. E esta tem sido uma das questões mais problemáticas. O orgasmo do homem é local, restrito aos seus órgãos genitais. O orgasmo da

mulher é total, e não se limita aos órgãos genitais. O corpo inteiro da mulher é sexual, e ela pode ter uma bela experiência orgástica mil vezes maior, mais profunda, mais enriquecedora, mais salutar do que o homem.

Entretanto, a tragédia é que o corpo inteiro da mulher tem que ser despertado, e o homem não está interessado nisso. Na verdade, ele nunca esteve interessado no corpo da mulher. O homem usa a mulher como uma máquina de sexo apenas para aliviar suas próprias tensões sexuais. Ele acaba em questão de segundos. E na hora em que ele acaba, a mulher nem sequer começou. Quando o homem acaba de fazer amor, vira-se para o outro lado e dorme. O ato sexual ajuda-o a ter uma boa noite de sono, pois fica mais relaxado, com todas as tensões liberadas na atividade sexual. E toda mulher chora e derrama lágrimas quando vê isso: ela não tinha nem mesmo começado, não havia sequer se mexido. A mulher tem sido usada, e esta é a coisa mais feia na vida: quando a pessoa é usada como uma coisa, como um mecanismo, como um objeto. E ela não pode perdoar o homem por usá-la.

Para fazer com que a mulher também seja uma parceira orgástica o homem deve aprender as preliminares, para que não tenha pressa de ir para a cama. Ele tem que fazer amor praticamente como uma arte. O casal pode ter um local, do tipo um templo de amor, onde o incenso esteja queimando e, em vez de luzes ofuscantes, que tenha apenas velas. E o homem deve aproximar-se da mulher quando estiver de muito bom humor e alegre, para que assim possa compartilhar. O que acontece normalmente é que os homens e as mulheres brigam antes de fazer amor. A briga envenena o amor. Nesse caso, o amor é uma espécie de tratado do término da briga, pelo menos pela noite em questão. É um suborno, é uma enganação.

Um homem deve fazer amor do modo como um pintor pinta, ou seja, quando sente a vontade preenchendo seu coração, ou do modo como o poeta compõe poesia, ou um músico toca música. O corpo da mulher deve ser considerado como um instrumento musical, e é como se fosse. Quando o homem sente-se alegre, o sexo deixa de ser apenas uma libertação, um relaxamento, um método para dormir. Daí, então, há preliminares. Ele dança com a mulher, canta com a mulher, com a bela música que faz o templo do amor vibrar, com o incenso que eles adoram. Deve ser algo sagrado, pois não há nada sagrado na vida comum a

não ser que as pessoas tornem o amor sagrado. E isso vai ser o início da abertura da porta para o fenômeno total da superconsciência.

O amor nunca deve ser forçado, o amor nunca deve ser uma tentativa. Não deve estar na mente, de jeito nenhum. A pessoa está brincando, dançando, cantando, divertindo-se... parte dessa longa alegria. Se o amor acontecer, é belo. Quando o amor acontece, ele tem beleza. Quando é forçado a acontecer, é desagradável.

E enquanto o ato sexual for realizado com o homem por cima da mulher... na conhecida posição do missionário. O Oriente conscientizou-se dessa feiura de que o homem era mais pesado, mais alto e mais musculoso e que ele, afinal, estava esmagando um ser delicado. No Oriente, a forma tem sido sempre exatamente a oposta: a mulher por cima. Esmagada sob o peso do homem, a mulher não tem mobilidade. Apenas o homem se move e, conseqüentemente, chega ao orgasmo em segundos, e a mulher fica simplesmente chateada. Ela tem sido parceira, mas não tem envolvimento no ato. Ela tem sido usada.

Quando a mulher fica por cima, ela tem mais mobilidade, e o homem, menos, e isso faz com que os orgasmos de ambos aconteçam quase simultaneamente. E quando ambos vivenciam o orgasmo, é algo do outro mundo. É o primeiro vislumbre de *samadhi*, ou seja, é o primeiro vislumbre de que o homem não é o corpo. Ele esquece o corpo e esquece o mundo. Tanto o homem como a mulher entram em uma nova dimensão, que nunca exploraram antes.

A mulher tem a capacidade para múltiplos orgasmos, e, portanto, o homem tem que ser o mais lento possível. Mas a realidade é que o homem anda com tanta pressa para tudo que acaba por destruir a relação como um todo. O homem deve estar muito relaxado, para que a mulher possa ter orgasmos múltiplos. O orgasmo dele deve chegar à reta final quando o orgasmo da mulher tiver atingido o auge. É pura questão de compreensão.

Estas são diferenças naturais, não têm nada a ver com condicionamento. Há outras diferenças. Por exemplo, a mulher é mais centrada do que o homem... Ela é mais serena, mais calma, mais paciente, e sabe esperar. E é, talvez, por causa dessas qualidades que ela tem mais resistência a doenças e vive mais do que o homem. Devido à serenidade e à delicadeza é que ela pode satisfazer a vida do

homem imensamente. Ela pode envolver a vida do homem em uma atmosfera muito reconfortante e acolhedora. Porém, o homem tem medo, pois não quer ser envolvido pela mulher, não quer deixá-la criar um calor aconchegante em torno dele. Tem medo, porque, dessa forma, vai se tornar dependente. É por isso que há séculos o homem mantém a mulher a distância. Além disso, ele tem medo, porque, no fundo, sabe que a mulher é mais do que ele. Ela pode dar à luz a vida. A natureza escolheu a mulher para reproduzir, não o homem.

A função do homem na reprodução é praticamente nula. Essa inferioridade criou o maior problema: o homem passou a cortar as asas da mulher. Começou a reduzi-la e a condená-la em todos os sentidos, de modo que ele pudesse, pelo menos, acreditar que era superior. Ele tratava as mulheres como gado, e até pior. Na China, durante milhares de anos, a mulher foi tida como um ser sem alma, de modo que o marido podia matá-la sem que a lei interferisse; ela era propriedade dele. Se ele quisesse destruir os móveis de sua casa, não era ilegal. Se ele quisesse destruir sua mulher, não era ilegal. Eis o maior insulto: a mulher não ter alma.

O homem privou a mulher da educação, da independência financeira. Privou-a da mobilidade social porque tinha medo. Ele sabe que ela é superior, sabe que ela é bonita, sabe que vai criar perigo se lhe der independência. É por isso que, ao longo dos séculos, não houve independência alguma para as mulheres. As muçulmanas têm, inclusive, que manter o rosto coberto, para que ninguém possa ver a beleza do rosto e a profundidade de seus olhos, exceto o próprio marido.

No hinduísmo, a mulher tinha que morrer quando o homem morria. Que ciúme! O homem possuiu a mulher por toda a vida e, mesmo depois da morte, quer continuar a ter a sua posse. Ele tem medo. Ela é bonita e, quando ele se for, quem sabe? Ela pode encontrar outro parceiro, talvez melhor do que ele. Assim, o sistema de *sati* [a autoimolação da esposa para acompanhar o marido na morte] prevaleceu por milhares de anos, o fenômeno mais horrível que se pode imaginar.

O homem é muito egoísta. É por isso que o chamo de macho chauvinista. O homem criou esta sociedade e, nesta sociedade, não há lugar para a mulher. E ela tem qualidades enormes que são próprias dela! Por exemplo, se por um lado o homem tem a possibilidade da inteligência, por outro, a mulher tem a

possibilidade do amor. Isso não significa que ela não tenha capacidade para ter inteligência; pelo contrário, ela pode ter inteligência, desde que lhe seja dada a oportunidade de desenvolvê-la. Porém, quanto ao amor, ela já nasce com ele, e é por isso que ela tem mais compaixão, mais bondade, mais compreensão... Embora homem e mulher sejam duas cordas de uma harpa, ambos sofrem por estarem separados entre si. E é por causa desse sofrimento, e por não saberem a razão para tal, que eles começam a se vingar um do outro.

A mulher pode ser de imensa ajuda na criação de uma sociedade orgânica. Ela é diferente do homem, mas não é desigual. Ela é tão igual a um homem quanto qualquer outro homem. Ela tem talentos próprios, que são absolutamente necessários. Não são o suficiente para ganhar dinheiro, não são o suficiente para tornar alguém um sucesso no mundo, mas são imprescindíveis para se ter uma bela casa, e a mulher tem a capacidade de transformar qualquer casa em um lar. Ela pode preencher o lar com amor, ela tem essa sensibilidade. Ela pode rejuvenescer o homem, ajudá-lo a relaxar.

Nos Upanishads [escrituras hinduístas] há uma bênção muito estranha para os novos casais. O novo casal vai até o vidente dos Upanishads para que ele lhes dê sua bênção. O vidente diz à moça, especificamente: “Espero que você se torne uma mãe de dez filhos para, finalmente, seu marido se tornar seu 11º filho. E se não se tornar uma mãe para o seu marido, não vai conseguir ser uma verdadeira esposa.” É muito estranho, mas apresenta uma percepção psicológica enorme, uma vez que é o que se encontra na psicologia moderna: que todo homem está em busca de sua mãe na figura da mulher, e toda mulher está em busca do pai na figura do homem.

É por isso que todo casamento é um fracasso: o homem não consegue encontrar sua mãe. A mulher com quem se casou não veio para sua casa para ser sua mãe, ela veio porque quer ser sua esposa, sua amante. No entanto, a bênção da filosofia upanishadic, que tem cerca de 5 mil ou 6 mil anos, oferece um conhecimento para a psicologia moderna. A mulher, quem quer que seja, é basicamente uma mãe. O pai é uma instituição inventada, não é natural. Mas a mãe vai permanecer indispensável. Foram feitas algumas observações com crianças: a elas foram dadas todas as comodidades, medicamentos, toda a alimentação... toda a perfeição proveniente de diferentes campos da ciência,

mas, curiosamente, as crianças começavam a definhar e morriam num período de três meses. Constatou-se, então, que o corpo da mãe, e seu calor, é uma necessidade absoluta para que a vida se desenvolva. Esse calor, nesse vasto universo frio, é absolutamente necessário no princípio, pois, do contrário, a criança vai se sentir abandonada. E vai definhar e morrer.

O homem não precisa se sentir inferior à mulher. Toda essa ideia surge em função de se considerar homem e mulher como duas espécies. Além de pertencerem à humanidade, que é única, ambos têm qualidades complementares entre si. Ambos precisam um do outro, e apenas quando estão juntos é que se sentem por inteiro... A vida deve ser levada sem problemas. As diferenças não são contradições. Podem se ajudar um ao outro e aprimorar imensamente um ao outro. A mulher que ama o homem pode aprimorar a criatividade dele, pode inspirá-lo às alturas como ele nunca sonhou. E sem pedir nada em troca. Ela simplesmente quer o amor dele, que é o seu direito básico.

Grande parte das coisas que faz com que homens e mulheres sejam diferentes é proveniente de condicionamentos. As diferenças devem ser mantidas porque tornam homem e mulher atrativos um para o outro. No entanto, não devem ser usadas como condenação. Eu gostaria que ambos se tornassem um conjunto orgânico, permanecendo, ao mesmo tempo, absolutamente livres, pois o amor nunca cria escravidão, ele dá é liberdade. Com isso, então, podemos criar um mundo melhor. Negou-se a contribuição de metade do mundo, e essa metade, que é formada pelas mulheres, tinha uma capacidade enorme de contribuir para o mundo. Poderia ter construído um belo paraíso.

A mulher deve buscar seu potencial em sua própria alma e desenvolvê-lo. Com isso, terá um belo futuro. O homem e a mulher não são nem iguais nem desiguais, são únicos. E o encontro de dois seres únicos traz algo milagroso para a existência.²

Notas

1 *The Great Pilgrimage: From Here to Here* [A grande peregrinação: daqui para aqui], Capítulo 2.

2 *The Sword and the Lotus* [A Espada e a Lótus], Capítulo 5.

A história dele

“Em *O profeta*, de Khalil Gibran, uma mulher pede a Al-Mustafá que fale sobre a dor. Poderia comentar sobre este trecho?”

E uma mulher pediu a Al-Mustafá:

– Fala-nos da Dor.

E Al-Mustafá respondeu:

*– Sua dor é o quebrar da concha
que envolve sua compreensão.*

*Assim como o caroço da fruta deve se quebrar,
para que seu coração possa ficar ao sol,
também você deve conhecer a dor.*

*E se você conseguisse manter seu coração maravilhado
com os milagres diários de sua vida,
sua dor não pareceria menos intensa do que sua alegria.*

*E você aceitaria as estações do seu coração,
da mesma forma que sempre aceitou as estações
que passam pelos seus campos.*

*E você contemplaria com serenidade
os invernos de suas mágoas.*

Muito da sua dor é escolhido por você mesma.

*É a poção amarga
por meio da qual o médico dentro de você
cura seu eu interior doente.*

*Portanto, confie no médico,
e beba seu remédio em silêncio e tranquilidade:
Pois a sua mão, embora pesada e dura,
é guiada pela mão terna do Invisível,
e o cálice que ele lhe dá,
embora possa queimar seus lábios,
foi feito com o barro
que o Oleiro umedeceu
com Suas próprias lágrimas sagradas.*

Parece que é muito difícil, mesmo para um homem do calibre de Khalil Gibran, esquecer uma atitude machista arraigada. Digo isso porque as declarações que Al-Mustafá vai fazer estão corretas sob um aspecto, mas ainda assim falta algo muito essencial.

Al-Mustafá esquece que a questão é levantada por uma mulher, e sua resposta, além de muito genérica, é aplicada tanto para homem como para mulher. Mas a verdade é que a dor e o sofrimento que as mulheres do mundo passam são mil vezes maiores do que as que os homens jamais conheceram. É por isso que digo que Al-Mustafá responde à pergunta, mas não à pessoa que fez a pergunta. E, a menos que se responda à pessoa que fez a pergunta, a resposta vai permanecer superficial, não importa o quão profunda possa parecer... A resposta parece ser acadêmica, filosófica.

A resposta não tem a visão do que o homem tem feito à mulher, e não se trata de um dia, mas de milhares de anos. Ele nem mesmo faz menção a isso. Pelo contrário, Al-Mustafá continua fazendo o mesmo que os sacerdotes e políticos sempre fizeram, ou seja, dar consolações. Atrás de belas palavras não há nada além de consolação. E a consolação não pode ser um substituto para a verdade.

E uma mulher pediu a Al-Mustafá...

Não é estranho que, de toda aquela multidão, nenhum homem tenha feito pergunta sobre a dor? Foi apenas um caso do acaso? Não, de jeito nenhum. É muito relevante que uma mulher tenha, em sua pergunta, pedido *Fala-nos da Dor*, pois apenas a mulher sabe quantas feridas carrega, quanta escravidão sofreu e ainda sofre, tanto física quanto mental e espiritual.

A mulher sofre na parte mais profunda de seu ser. Nenhum homem sabe da dor profunda que a mulher pode trazer dentro de si, capaz de destruir sua dignidade, seu orgulho, sua própria humanidade.

Al-Mustafá disse: *Sua dor é o quebrar da concha que envolve sua compreensão.*

Uma declaração muito pobre, e tão superficial que tenho vergonha de Khalil Gibran às vezes. Qualquer idiota pode dizer isso. Não é digno de Khalil Gibran: *Sua dor é o quebrar da concha que envolve sua compreensão.* É uma declaração muito simples e genérica.

Assim como o caroço da fruta deve se quebrar, para que seu coração possa ficar ao sol, também você deve conhecer a dor. Odeio essa declaração. Ele apoia a ideia de que o ser humano precisa vivenciar a dor. É algo óbvio, mas não se trata de uma verdade. É muito real a semente ter que passar por um grande sofrimento, pois se a semente não morrer com sofrimento a árvore nunca vai nascer, e a grande folhagem e a beleza das flores nunca irão existir. Mas quem é que se lembra da semente e da coragem de morrer para que o desconhecido nasça?

Da mesma forma é verdade que se [...] *a concha que envolve sua compreensão* [...] passar por sofrimento, quebrar-se, permitir liberdade à compreensão do ser humano, haverá certa dor. Mas o que é a concha? É assim que os poetas escapam de crucificações. Al-Mustafá deveria ter explicado o que significava a concha: todo o conhecimento e todo o condicionamento das pessoas, todo o processo de formação, de educação, da sociedade e da civilização – é tudo o que constitui a concha, que mantém o ser humano e a sua

compreensão aprisionados. Mas não menciona uma única palavra do que quer dizer com “concha”.

Buda Gautama era um homem; seus discípulos – Mahakashyap, Sariputta, Moggalayan – eram, todos, homens. Não houve uma única mulher que pudesse ter sido elevada à mesma consciência? Mas o próprio Buda Gautama negava a iniciação às mulheres, como se elas fossem uma espécie que não pertence à humanidade, mas a algum estado subumano. Por que se preocupar com elas? Deixe que elas, primeiro, atinjam a masculinidade.

A declaração de Buda Gautama é que o homem é a encruzilhada a partir de onde se pode ir para qualquer lugar, seja para o estado de felicidade suprema, seja para a liberdade definitiva. Mas a mulher não é mencionada. Ela não é uma encruzilhada, é apenas uma rua escura onde nenhuma empresa municipal colocou nem mesmo lâmpadas para iluminá-la, e não leva a lugar nenhum. O homem é uma rodovia. Portanto, deixe que a mulher se transforme em uma rodovia, deixe que ela se torne um homem, que nasça no corpo de um homem. Depois, então, haverá alguma possibilidade de ela se tornar iluminada.

Al-Mustafá diz [...] *também você deve conhecer a dor*. Mas para quê? Se a mulher não pode se tornar iluminada, por que deveria passar pela dor? Ela não é de ouro, ao passar pelo fogo ela vai se tornar mais pura.

E se você conseguir manter seu coração maravilhado com os milagres diários de sua vida, sua dor não pareceria menos intensa do que sua alegria. É verdade, mas às vezes a verdade pode ser muito perigosa, pode ser uma faca de dois gumes. Por um lado, protege, por outro, destrói. É verdade que se a pessoa mantém a admiração nos olhos, vai se surpreender em saber que mesmo a dor tem seu próprio encanto, seu próprio milagre, sua própria alegria. Não é menos admirável do que a própria alegria. Mas o estranho é que a mulher é sempre mais como uma criança, mais cheia de admiração pelas coisas do que o homem. O homem está sempre atrás de conhecimento. E o que é conhecimento? Conhecimento é apenas um meio de se livrar da admiração. Toda a ciência tenta desmistificar a existência, e a palavra “ciência” significa conhecimento. E este é um fato muito simples: quanto mais a pessoa sabe, menos admiração tem...

À medida que fica mais velha, a pessoa perde a sensibilidade para admirar, torna-se cada vez mais enfadonha. Mas a razão para isso é que a pessoa acha que sabe tudo. Não sabe nada, mas sua mente agora está cheia de conhecimento emprestado, e sequer pensou que por baixo disso não há nada além da escuridão e da ignorância...

Al-Mustafá não menciona o fato de as mulheres permanecerem sempre mais como criança do que os homens. Esta é uma parte da beleza delas, a inocência, elas têm falta de conhecimento. O homem nunca permitiu que as mulheres tivessem conhecimento de nada. Elas conhecem pequenas coisas, como manter a casa e a cozinha, e tomar conta das crianças e do marido, mas estas não são as coisas que podem impedir... Isso não é um grande conhecimento, isso pode ser colocado de lado com muita facilidade.

É por isso que sempre que uma mulher vem ouvir o que tenho a dizer, ouve de forma mais profunda, mais lá no íntimo, com mais carinho. No entanto, quando o homem vem me ouvir pela primeira vez, ele é mais resistente, mais alerta, temeroso de que pode ser influenciado, ferido se o seu conhecimento não tiver apoio. Ou, se ele for muito esperto, prossegue interpretando tudo o que é dito, de acordo com o próprio conhecimento, e sempre vai dizer: “Sei tudo isso, não tem nada de novo.” Essa é uma atitude para proteger seu ego, para proteger a concha dura. E, a menos que a concha se quebre e a pessoa se encontre em uma posição de admiração, como uma criança, não há a menor possibilidade de estar em um espaço que sempre foi conhecido como alma, ou seja, o próprio ser.

Esta tem sido minha experiência pelo mundo todo: que a mulher ouve, e é possível ver o brilho de admiração em seus olhos. Não é superficial, suas raízes são profundas em seu coração. Mas Khalil Gibran não menciona o fato, apesar de a pergunta ser feita por uma mulher. Na verdade, o homem é tão covarde que tem medo de fazer perguntas, pois suas perguntas revelam sua ignorância.

Todas as melhores perguntas de *O profeta* são feitas por mulheres, que perguntam sobre amor, sobre casamento, sobre crianças, sobre dor, e são autênticas, verdadeiras. Não perguntam sobre Deus, sobre nenhum sistema filosófico, mas sobre a vida em si. Podem não parecer grandes perguntas, mas elas abordam realmente as maiores questões, e a pessoa que pode resolvê-las entrou em um mundo novo. No entanto, Al-Mustafá responde como se a

pergunta tivesse sido feita por qualquer pessoa, qualquer XYZ, ele não está respondendo à pessoa que fez a pergunta. E a minha abordagem se baseia sempre no fato de que a verdadeira questão é a pessoa que faz a pergunta...

Por que a pergunta surgiu em uma mulher, e não em um homem? Porque a mulher sofre a escravidão, a mulher sofre humilhação, a mulher sofre de dependência econômica e, acima de tudo, sofre um estado constante de gravidez. Durante séculos ela vive na dor, constantemente na dor. A criança que cresce dentro dela não permite que ela coma, ela sempre sente vontade de vomitar, e vomita. Depois que a criança chegou aos nove meses, seu nascimento é quase a morte da mulher. E quando a mulher nem bem se livrou da gravidez, o marido está pronto para fazer com que ela fique grávida novamente. Parece que a única função da mulher é ser uma fábrica de produzir multidões.

E qual é a função do homem? Ele não participa da dor da mulher. Ela sofre nos nove meses, ela sofre no nascimento da criança. E o que o homem faz? No que diz respeito ao homem, ele simplesmente usa a mulher como um objeto para realizar seus desejos e sua sexualidade. Ele não se preocupa em nada com as consequências para a mulher. E, ainda assim, ele continua a dizer: “Eu te amo.” Se o homem realmente tivesse amado a mulher, o mundo não estaria superpovoado. Essa palavra “amor” é absolutamente vazia. Ele a trata quase como gado.

E você aceitaria as estações do seu coração, da mesma forma que sempre aceitou as estações que passam pelos seus campos. É verdade, mas não é totalmente verdade. É verdade, se não for levada em consideração a pessoa que fez a pergunta, mas não é verdade no caso de se considerar a pessoa que fez a pergunta. Apenas como uma afirmação filosófica é verdade.

E você aceitaria as estações do seu coração... Às vezes, há prazer, às vezes, há dor, e, às vezes, há apenas indiferença, nem dor nem prazer. Al-Mustafá está dizendo: “Se você aceitar as estações do seu coração, assim como sempre aceitou as estações que passam pelos seus campos.”

Superficialmente, é verdade. A aceitação de qualquer coisa dá ao indivíduo uma certa paz, uma certa calma. Não se fica muito preocupado e, de qualquer forma, a pessoa sabe que isso também vai passar. No entanto, quando se trata de mulher, há uma diferença. Ela vive constantemente em uma estação: dor e dor.

As estações não mudam do verão para o inverno, ou para a época de chuvas. A vida da mulher é realmente dura.

Não é tão dura hoje, mas isso apenas em países avançados. Cerca de 80% da população da Índia vivem nas aldeias, onde é possível ver a real dureza que a mulher enfrenta. Ela enfrenta essa dificuldade há séculos, e a estação não muda. Se olhar sob esse aspecto, então essa afirmação se torna antirrevolucionária, essa afirmação se torna um consolo: “Aceite a escravidão do homem, aceite a tortura do homem.”

A mulher tem vivido com tanta dor... e, mesmo assim, Al-Mustafá esquece por completo quem está fazendo a pergunta. É possível aceitar a mudança das estações, mas não 10 mil anos de escravidão. A estação não muda...

A mulher precisa de revolta, não de aceitação.

O homem é o animal mais lascivo da face da Terra. Todo animal tem uma temporada em que o macho fica interessado na fêmea. Às vezes, a temporada é de apenas poucas semanas, às vezes, um ou dois meses e, depois, durante o ano inteiro, o animal esquece tudo sobre sexo, esquece tudo sobre reprodução. É por isso que o mundo animal não se encontra em uma situação de superpopulação. É apenas o homem que é sexualmente ativo durante o ano todo, e se for americano, então, é sexual à noite, é sexual de manhã. E ainda se pede que a mulher aceite a dor?

Não posso pedir que as pessoas aceitem tal dor, aquela dor que é imposta pelos outros. As pessoas precisam de uma revolução.

E você contemplaria com serenidade os invernos de suas mágoas.

Por quê? Quando se pode mudar isso, por que seria necessário contemplar? Contemple somente aquilo que não pode ser mudado. Contemple somente aquilo que é natural, e seja uma testemunha disso. Mas isso é artimanha poética. Belas palavras: *e contemplaria com serenidade...*

Contemple qualquer coisa que seja natural com serenidade e revolte-se contra todo o sofrimento que seja imposto por alguém. Quer seja homem ou mulher, quer seja pai ou mãe, quer seja o padre ou o professor, quer seja o governo ou a sociedade. Revolte-se!

Aquele que não tem um espírito rebelde não está vivo no verdadeiro sentido da palavra.

“Muito da sua dor é escolhida por você mesma. Isso é verdade. Todo o sofrimento, toda a dor de uma pessoa...” Grande parte disso não é imposta pelos outros. Contra a dor que é imposta pelos outros é preciso que haja revolta. No entanto, a dor que é escolhida pela própria pessoa é necessário que seja por ela abandonada. Não há necessidade de contemplá-la. Basta compreender que *“impôs isso a si mesma”*, e jogá-la fora. A pessoa deve deixar que os outros a contemplem jogando fora a dor! Ao vê-la jogando isso fora, talvez os outros também compreendam: *“Por que sofrer desnecessariamente? Os vizinhos estão jogando fora o seu sofrimento.”*

O ciúme, a raiva, a ganância, todos eles trazem dor. As ambições, todas elas trazem dor. E todos são escolhidos pela própria pessoa.

É a poção amarga por meio da qual o médico dentro de você cura seu eu interior doente.

Mais uma vez, Al-Mustafá volta a dar consolo. Não está fazendo uma distinção clara. Há sofrimentos que são impostos por outros e, aqui, é preciso revoltar-se contra eles. E há sofrimentos que são naturais – testemunhe-os, e o faça com serenidade, porque são o remédio amargo que a natureza, ou seja, o médico que existe dentro de cada um, usa para curar o eu interior.

Portanto, confie no médico, e beba seu remédio em silêncio e tranquilidade.

Mas é bom lembrar que se trata do médico, e não do marido ou do governo. Eles impõem sofrimento ao ser humano, não para curá-lo, mas para destruí-lo, esmagá-lo. Pois, quanto mais destruído o indivíduo, mais fácil de ser dominado. Assim, não se teme uma rebelião do lado do indivíduo. Portanto, recorde quem é o médico. A natureza cura, o tempo cura, e o ser humano simplesmente espera e se mantém como testemunha. Mas é preciso ficar muito claro o que é natural e o que é artificial.

Pois a sua mão, embora pesada e dura, é guiada pela mão terna do invisível, e o cálice que ele lhe dá, embora possa queimar seus lábios, foi feito com o barro que o Oleiro umedeceu com Suas próprias lágrimas sagradas.

O que quer que seja natural, contra o que nenhuma rebelião é possível... Então não seja infeliz; então aceite isso com gratidão. É a mão invisível do divino que deseja curar a pessoa, que deseja trazê-la para um estado mais elevado de consciência. Mas qualquer coisa que não seja natural... Entregar-se a

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O livro das mulheres: Como entrar em c..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).